



Universidade Federal do Ceará – UFC

Centro de Humanidades

Mestrado em Filosofia

**A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA NA
HERMENÊUTICA DE GADAMER:
A relação Linguagem e Compreensão**

Miguel Junior Zacarias Lima

Fortaleza – Ceará
2009

Miguel Junior Zacarias Lima

A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA NA HERMENÊUTICA DE GADAMER:

A relação Linguagem e Compreensão

**Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Filosofia da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Filosofia.**

Orientador: Prof.Dr. Manfredo Araújo de Oliveira

Fortaleza
2009

**A CONCEPÇÃO DE FILOSOFIA NA HERMENÊUTICA DE GADAMER:
A Relação Linguagem e Compreensão**

MIGUEL JUNIOR ZACARIAS LIMA

Dissertação defendida e aprovada em de de 2009

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Manfredo Araújo de Oliveira (Orientador)

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Custódio Luís de Almeida (Examinador)

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. José Maria Arruda de Sousa (Examinador)

Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Luiz Rohden (Examinador)

UNISINOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

2009

Dedicatória

*Dedico este trabalho a
minha filha Lara, fonte
de inspiração para lutar
por um mundo melhor e
mais justo!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma especial a minha família, em especial a minha esposa Rosália, pela paciência e estímulo para com esse trabalho, pois em alguns momentos tivemos que renunciar a planos importantes em prol desse trabalho, a Dona Rita, minha mãe, e a Janaina, minha estimada irmã.

Ao amigo e Prof. Dr. Manfredo Araújo de Oliveira, de quem sempre obtive todo o apoio que precisei; filósofo cuja perspectiva de pensamento estabeleceu as bases de minha inserção na Filosofia. Devo a ele o interesse e o espanto pelo pensamento filosófico.

A todos os professores do Departamento de Filosofia com os quais tive o privilégio de estudar: Prof. Dr. Custódio Almeida, Prof. Dr. Tarcísio Pequeno, Prof. Dra. Mirtes Amorim, Prof. Dr. Ivanhoé Leal, Prof. Dr. Odílio Aguiar, Prof. Dr. Colasso Martins e Prof. Dr. José Maria.

A amiga e Prof. Dra. Dulcineia Loureiro da Silva pelo incentivo e cobranças em relação às leituras e reescrita desse texto, dedicando parte de seu tempo nas revisões deste trabalho.

RESUMO

O objeto de estudo dessa dissertação é a compreensão do conceito de Hermenêutica no pensamento de Hans-Georg Gadamer e a relação entre linguagem e compreensão. Com este intuito, faz-se necessário refletirmos sobre as diversas questões que compõe o centro de reflexão do nosso autor. O tema é estudado em três momentos. O primeiro procura acompanhar a evolução histórico-filosófica do problema hermenêutico; o segundo parte das diversas questões ontológicas pensadas por Heidegger e que contribuem fundamentalmente com a reflexão gadameriana, tendo como fio condutor a linguagem, neste sentido, Gadamer propõe a hermenêutica como ontologia. O terceiro passo consiste numa síntese do pensamento gadameriano, onde se busca mostrar que a hermenêutica não deve ser entendida como um simples método interpretativo, mas como modo de ser de toda compreensão. Chegamos, assim, à hermenêutica assumida como tematização viva dos fenômenos históricos que determina o relacionamento dialogal eu-mundo, como crescimento e desenvolvimento contínuo dos seus respectivos sujeitos.

Palavras-chave: Hermenêutica, Linguagem, Compreensão, Ontologia, História, Arte, Gadamer.

ABSTRACT

The goal of this dissertation is the comprehension of the concept Hermeneutics inside the thinking of Hans-Georg Gadamer and the relation between language and comprehension. In relation to this subject it is necessary we reflect about the several questions that compound the reflection center of our author. We can show the three ways the theme presents: the first accompany the historic-philosophical evolution of the hermeneutics problem; the second triest to the several ontologic problems studied by Heidegger and that contribute fundamentally with the Gadamer's reflection, where the conductor string is the language. In this sense, the philosopher proposes the hermeneutics as ontology. The third way consists on the synthesis of the gadamerian thinking, where is need to show that the hermeneutics cannot be understood as a simple interpretative method but as an way of being of the comprehension as a whole. We can understand, finally, the hermeneutics as a live themathization of the historic phenomena which determine the dialogical relationship I - world, as growth and continuos development of their respective subjects.

Key word: Hermeneutics, Language, Comprehension, History, Arts, Gadamer.

SUMÁRIO

Introdução	09
1 - Considerações Gerais Sobre A Hermenêutica	13
1.1. A palavra "Hermenêutica"	13
1.2. A Linguagem na reflexão do Crátilo de Platão segundo Gadamer	19
1.3. Linguagem e Hermenêutica	25
2 - Hermenêutica Ontológica de Heidegger	31
2.1. Contexto da Racionalidade Moderna	31
2.2. A Hermenêutica do <i>Dasein</i>	37
2.3. Os Existenciais como Constitutivos do <i>Dasein</i>	39
2.4. O Ser Efetivado como Linguagem	45
3 - A reflexão hermenêutica contemporânea a partir de Gadamer	52
3.1. A Hermenêutica de Gadamer	52
3.2. A Experiência da obra de Arte enquanto experiência própria para a Hermenêutica Filosófica	53
3.3. A história Continuamente Influente na Reflexão Hermenêutica de Gadamer	60
3.4. A Centralidade da Linguagem como Experiência de Mundo na Hermenêutica Filosófica de Gadamer	73
Conclusão	85
Referencias	88

INTRODUÇÃO

O estudo que aqui se vislumbra tem como ponto de partida a necessidade de compreender a Hermenêutica tomando como referência reflexiva a linguagem, a manifestação da realidade via discurso proferido.

É com base nesta intenção que o primeiro capítulo do nosso trabalho perfaz a trilha histórica do conceito de Hermenêutica, levando em consideração, principalmente, a concepção clássica do diálogo proposto por Platão.¹

Esta concepção nos remete à percepção da importância da linguagem enquanto aquela que, como afirma Gadamer, manifesta a capacidade de experiência² do mundo. Assim também é possível referir-se ao homem a partir da expressão clássica de Aristóteles, segundo a qual o homem é um ser vivo dotado de *logos*³. Percebemos, portanto, a intenção de esclarecer a fundamental diferença entre o animal e o homem; este último visto como ser dotado de linguagem, capaz de manifestar, via *logos*, a realidade.

A linguagem não é só uma das dotações de que está composto o homem tal como está no mundo, mas é nela que se baseia e se representa isto: o fato de os homens terem mundo. Para o homem, o mundo está aí como mundo, em uma forma sob a qual não tem existência para nenhum outro ser vivo posto nele. E esta existência do mundo está constituída lingüisticamente. (...) Não só o mundo é mundo enquanto acede à linguagem: a linguagem só tem sua verdadeira existência no fato de que nela se representa o mundo. A humanidade originária da linguagem significa, pois, ao mesmo tempo, o modo de ser linguagem

¹ Cf.: ALMEIDA, Custódio. *Hermenêutica e Dialética: dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. p.165-166.

² Cf.: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p.163.ss.

³ Cf.: Aristóteles - *Política*, A2, 1253 a 1259s.

*(Sprachlichkeit) originário de estar-no-mundo do homem.*⁴

Possuir o *lógos* é estar em pleno desenvolver-se enquanto aquele que tem a necessidade de ordenar-se dentro de uma história, constituída em um espaço de cultura, identidade e formação de consciência.

Partindo dessa realidade, podemos expressar-nos, em relação à linguagem, não simplesmente como uma condição instrumental, mas fundamentalmente reflexiva, que fala, desvela e - de forma dinâmica e consciente - interpreta a realidade nos colocando no centro da própria condição do interpretar.

Dessa forma, foi possível, a partir principalmente do estudo do conceito de Hermenêutica proposto por Gadamer e Coreth, nos determos em mostrar as raízes do termo Hermenêutica, levando em consideração a história e os mais antigos horizontes do mesmo. Nesses horizontes, é possível perceber a força do anúncio da palavra na Antiguidade Clássica.

No segundo capítulo, temos como referencial a concepção de Hermenêutica apresentada por Heidegger. Pensamos ser praticamente impossível falar de Hermenêutica na contemporaneidade sem mencionar a singular contribuição heideggeriana. Em decorrência disso, foi uma de nossas pretensões mostrar, ao longo da segunda parte da nossa dissertação, o percorrer de alguns elementos da história, que despontam na modernidade e objetivam-se na concepção de uma ontologia existencial proclamada por Heidegger.

Tendo em Heidegger a *ontologia fundamental* como aquela que nos ajuda a perceber o que torna possível a compreensão, faz-se necessário o entendimento do mundo não

⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p.446-447.

como ambiente de onde falamos e de onde é possível existir⁵, mas lugar de abertura e, por isso, de estrutura essencial para aquele que pode dialogar, para Heidegger o *Dasein*, o ente mundano, manifestação do ser no mundo, abertura do sentido, lugar de compreensão.⁶

Finalmente chegamos ao terceiro capítulo do nosso trabalho, onde refletiremos melhor sobre a relação da Hermenêutica com a linguagem, nosso objetivo maior, referimo-nos, dessa forma, pelo fato de termos no terceiro capítulo do nosso trabalho, a figura de Gadamer e a sua concepção de hermenêutica não só como tradução, anúncio ou explicação, mas, essencialmente como Filosofia; a concepção que aqui apresentamos tem como fim a filosofia enquanto tal, um nível de reflexão onde o eixo de suas reflexões parte de uma análise do mundo, e no mundo de forma a interpretá-lo.

Em Gadamer, a partir de 1960, com a publicação de sua obra *Verdade e Método*, pode-se, de uma maneira inovadora, pensar a hermenêutica não como fundamentação no seu sentido interpretativo, que tem como base a metodologia das ciências humanas, mas como reflexão filosófica. Neste sentido, a hermenêutica assume um lugar definitivo na história da filosofia, com a capacidade de se deparar com os fundamentais problemas do pensamento contemporâneo.

Na obra supracitada, Gadamer nos indica o arcabouço reflexivo que nos é proposto pela hermenêutica filosófica; em primeiro plano, a *experiência da arte* como algo diferente do conceito de experiência das ciências, perspectiva que tem como fonte a possibilidade de pensar o diferente diante de uma realidade histórica e culturalmente desenvolvida⁷.

⁵ Cf.: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. I. p. 643.

⁶ Cf.: ALMEIDA, Custódio. *Hermenêutica e Dialética: dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. p. 237-238.

⁷ Cf.: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método* I. p. 178-179.

Em um segundo momento, essa *realidade histórica* já mencionada, nos faz ver o espaço onde nos situamos enquanto seres de experiências e portanto, seres finitos, situados neste contexto histórico partindo sempre de um horizonte. É nesse espaço da experiência originária do homem, que encontramos não uma justificativa, mas um conjunto de realidades que nos tornam seres dinâmicos e envoltos na conquista e constituição de nossa realidade histórica enquanto tal. Esse segundo momento nos remete a um terceiro, onde Gadamer, de forma lúcida, nos possibilita uma análise sobre o fato de falarmos do mundo e sobre o mundo.

Constituído como um caminho onde a filosofia se realiza, a *linguagem* tem, neste sentido, como tarefa fundamental articular um discurso que se caracterize não por sua postura instrumental, mas reflexiva, consciente de seu papel de envolvimento na totalidade da realidade e em sua estrutura discursiva, ou seja, partindo de uma perspectiva universalizante, pensar o mundo, ou a totalidade da realidade tendo em vista o falar sobre e o falar do mundo enquanto tal.

CAPÍTULO 1

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE HERMENÊUTICA

1.1 - A Palavra "Hermenêutica".

*Minha intenção verdadeira, porém, foi e é uma intenção filosófica: O que está em questão não é o que nós fazemos, o que nós deveríamos fazer, mas o que, ultrapassando nosso querer e fazer, nos sobrevém, ou nos acontece*⁸

Pensando de uma forma geral, podemos, a partir de muitos autores, afirmar que a expressão 'hermenêutica' nos leva à idéia de técnica de interpretação. Entretanto, indo um pouco mais além e iniciando com a etimologia da palavra, que tem seu significado originariamente grego do verbo *hermeneuein*, de forma reflexiva reporta à ação de

⁸ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p.14.

interpretar e à postura de interpretação a partir do substantivo, também grego, *hermeneia*.

Refletindo com estas duas expressões temos as bases das mais antigas noções de hermenêutica, dando-nos noções necessárias para refletirmos a hermenêutica em sua estrutura contemporânea. O *hermeneuein* e a *hermeneia* não deixam de ser vistas em textos da antigüidade clássica, por exemplo, no Organon aristotélico, bem como nos diálogos platônicos.⁹

No entanto, para além do que foi dito, mostraremos também uma outra forma de explicação da hermenêutica, a partir da vinculação com o deus Hermes. Tal condição nos dará possibilidades de entendermos, de maneira mais clara, o sentido atual do termo. Observemos, portanto, a explicação em seqüência:

A contribuição que a 'hermenêutica' pode fazer é sempre essa transferência de um mundo para outro, do mundo dos deuses para o dos homens, do mundo de uma língua estrangeira para o mundo da língua própria (os tradutores humanos podem traduzir somente para sua língua). Visto, porém, que a tarefa própria do traduzir consiste em 'executar' algo, o sentido de hermeneuein oscila entre tradução e diretiva, entre mera comunicação e requisito de obediência. É certo que, em sentido neutro, hermeneia costuma significar 'enunciação de pensamentos', todavia é significativo o fato de que, para Platão, não é qualquer expressão de pensamento que possui o caráter de diretiva, mas somente o saber do rei, do arauto etc.¹⁰

Tal entendimento, vindo da tradição grega, nos mostra a hermenêutica, refletida em suas origens, como um processo de "tornar compreensível" e efetivado tudo aquilo que se encontra no âmbito da linguagem¹¹. É interessante

⁹ Cf.: CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. p. 1.

¹⁰ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. p. 112.

¹¹ Cf.: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. p. 116 - 121.

ainda perceber que a mencionada provável ligação com Hermes faz surgir os três mais antigos horizontes de compreensão da hermenêutica. O primeiro deles seria admitir *hermeneuein* e *hermeneia*, sobretudo em sua forma verbal, como "expressar em voz alta ou dizer". Relacionada à função de anunciar de Hermes, esta noção na reflexão da Teologia será aproximada a dois termos latinos, quais sejam: 'Sermo' significa 'O dizer' e 'Verbum' como 'Palavra'. É nestes termos que se entenderia a função do sacerdote como a de proclamar, anunciar, e não simplesmente explicar a palavra. Caberia ao sacerdote, tal como a Hermes, ser portador das notícias da divindade. Assim, no ato de anúncio mais simplório já estaria pressuposta a relevância da interpretação.¹²

Fazendo ainda referência a esta primeira noção, objetivamos unicamente ressaltar o quanto é importante na Teologia Cristã abrir o devido espaço para a tradição oral¹³. Isto sem contar que este antigo entendimento de *hermeneuein* como dizer, contribuiu para o surgimento de princípios interpretativos não só na teologia, mas também na literatura.

*O poder da palavra oral é também significativo nessa religião centrada no texto que é o cristianismo. Tanto São Paulo como Lutero são famosos por dizerem que a salvação vem pelos ouvidos. As epístolas de São Paulo foram compostas para serem lidas em voz alta e não silenciosamente. Lembremos que a leitura rápida e silenciosa é um fenômeno moderno trazido pela imprensa. A nossa era da velocidade faz da 'leitura rápida' uma virtude; é-nos extremamente custoso imprimir a semivocalização das palavras a uma criança que aprende a ler. E no entanto, isto era perfeitamente normal em épocas passadas.*¹⁴

¹² Cf.: CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. p. 34.

¹³ Cf.: CORETH, Emerich. *Questões fundamentais de hermenêutica*. pp. 5-6.

¹⁴ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. p.29.

O segundo horizonte seria a consideração da hermenêutica como “forma de explicar”. Evidencia-se nesta conceituação a questão do destaque maior concedido à dimensão explicativa da interpretação, levando em conta que as palavras além de serem possuidoras de uma perspectiva expressiva são também alternativas de explicação e racionalização. Considerando o ‘dizer’ como uma forma de interpretação, deve-se admitir o ‘explicar’ como algo que tem relação direta com a própria postura interpretativa da hermenêutica, ou seja, explicamos algo à medida que o desvelamos, interpretamos. Deve-se deixar claro que já nos clássicos, como em Aristóteles¹⁵, tratava-se deste aspecto. Entretanto, é perceptível a experiência do interpretar em textos do Novo Testamento. Como encontramos no Evangelho de Lucas Cap. 24, 25-27, na atitude do Cristo ressuscitado, uma vez que assim verificamos:

E disse-lhe: 'Ó homens loucos, lentos em acreditar no que os profetas disseram! Então não era necessário que o Cristo sofresse tudo isto antes de ser glorificado?' e começando pelo livro de Moisés e por todos os profetas interpretou-lhes (diermeneusen) tudo o que acerca dele se dizia nas escrituras.¹⁶

Consta nas palavras de Jesus um notório exemplo do que realmente constitui a marca indispensável da explicação. Isso porque acontece primeiramente aquela indagação acerca da necessidade de entregar-se na cruz e logo em seguida não se faz apenas uma retomada de textos antigos, mas efetivando-se o ato de explicá-los, sobretudo a partir da experiência sacrificial de Jesus que explica a si mesma, ou seja, clarificar o texto do Antigo Testamento é também revelar o próprio Cristo. Porém, encontram-se no discurso

¹⁵ Cf.: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p. 465ss.

¹⁶ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. p.34.

acima duas questões que ainda não foram mencionadas, a saber: a afirmação de um acontecimento ou um texto só adquire sentido em um contexto, sendo que isto é perceptível no procedimento de Cristo, e em segundo lugar o fato de que o sentido de um objeto exigiria a relação de algo com um sujeito.

O terceiro horizonte que alhures anunciávamos, diz respeito à hermenêutica como arte de 'traduzir'. Assim, a interpretação significa também tradução. Refletir essa questão é sobretudo considerar a verdade de que quando um texto está na mesma língua do autor, acaba por não se perceber os possíveis conflitos latentes na relação entre o mundo do texto e o mundo do autor. No entanto, a problemática ou a dificuldade aflora quando a expressão do texto acontece em uma língua estrangeira. É precisamente neste instante que identificamos o papel extremamente significativo do tradutor, enquanto alguém que possibilitará uma compreensão.

Hermes é chamado o mensageiro divino, aquele que transmite as mensagens dos deuses aos homens: No relato de Homero, ele costuma executar verbalmente a mensagem que lhe fora confiada. Mas freqüentemente, e em especial no uso profano, a tarefa do hermeneus consiste em traduzir para uma língua acessível a todos o que se manifestou de modo estranho ou incompreensível. Assim, a tarefa da tradução sempre tem uma certa liberdade.¹⁷

Além do que dissemos, caberia acrescentar um grande exemplo da problemática de tradução enquanto relacionado à Bíblia. O distanciamento em termos históricos, o mundo, a cultura em que foi originalmente escrita, exigiria uma postura interpretativa para que a mesma tenha condições de dizer algo na sociedade atual, repleta de

¹⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. p. 112.

confusões, conflitos e outras realidades impensáveis em uma época remota¹⁸.

As três orientações explicitadas acerca do termo hermenêutica nos fazem assimilar melhor as definições que lhe são atribuídas na modernidade, pois cada uma dá mais ênfase a uma das perspectivas a pouco abordadas em nosso texto. Ressaltamos que nesse período moderno haveremos de encontrar pelo menos seis formas de abordar ou definir a hermenêutica. Vale tornar ciente de que não é nosso propósito tratar especificamente cada uma, restringiremos a apresentá-las para que possamos perceber em alguma delas a reflexão da hermenêutica de Heidegger e Gadamer.

1) Uma teoria da exegese bíblica; 2) uma metodologia filosófica geral; 3) uma ciência de toda a compreensão lingüística; 4) uma base metodológica dos Geisteswissenschaften; 5) uma fenomenologia da existência e da compreensão existencial; 6) sistemas de interpretação, simultaneamente recolectivos e inconoclasticos, utilizados pelo homem para alcançar o significado subjacente aos mitos e símbolos.¹⁹

Considerando estes pressupostos de definição da hermenêutica na contemporaneidade haveremos de nos situar diante do grande contributo de Heidegger para uma construção de uma teoria filosófica interpretativa. Todavia, é viável fazer emergir a verdade de que sua influência não se constitui apenas numa única direção. Tanto é assim que em sua obra 'Ser e Tempo', percebe-se a retomada do termo compreensão em uma perspectiva relevante e filosófica, sobretudo pela vinculação com a também nova visão de fenomenologia e da própria linguagem. Esta última terá um papel indispensável no movimento de compreensão e interpretação, no qual estamos sempre lançados.

¹⁸ Cf.: CORETH, Emerich. Questões fundamentais de hermenêutica. pp. 7-8.

¹⁹ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. p. 43.

Contudo, encontramos nos últimos escritos de Heidegger a priorização de exegese de textos como método de filosofar. Porém, o que prevalece quanto à hermenêutica é a noção de revelação do ser. Nestes termos, em Heidegger a hermenêutica não mais seria vista como em Dilthey, ou seja, como alicerce metodológico de todas as disciplinas humanistas. Agora a hermenêutica estará no nível da compreensão enquanto tal e não simplesmente como método que supera ou contraria a ciência. Com isso, Heidegger desloca a hermenêutica do plano epistemológico para o plano ontológico e abre assim espaço para reflexão de Gadamer:

A dicotomia histórico-científico a que Dilthey dedicou toda a sua vida é abandonada, sustentando-se a posição de que toda a compreensão existencial; abre-se o caminho para a hermenêutica filosófica de Gadamer.²⁰

Certamente já fica evidente a ligação de Heidegger com a 'fenomenologia da existência e da compreensão'. Porém antes de tratarmos da hermenêutica via linguagem como nos possibilita a filosofia hodierna, faremos uma retomada das discussões clássicas de Platão, enquanto forma mais antiga da sistematização de crítica à linguagem.

1.2. - A linguagem na reflexão do Crátilo de Platão segundo Gadamer

*Quem conhece os nomes conhece as coisas
Platão (Crátilo 435 d.)*

²⁰ PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. p. 165.

Consideramos inicialmente o fato de que os diálogos platônicos são admitidos como a forma mais antiga de crítica sistemática à linguagem no Ocidente. Assim, conseqüentemente, devemos perceber que sua reflexão manifesta-se extremamente significativa enquanto aponta questões problemáticas que são trabalhadas até hoje, como, por exemplo, os elementos explicativos na hermenêutica contemporânea. Todavia, podemos tornar evidente que uma das maiores indagações de Platão seria quanto aos meios que oferecem significação a uma expressão, ou ainda a relação que se estabelece entre a palavra e a coisa. Dentre outros autores temos Gadamer como aquele que vislumbra esse horizonte.

No Crátilo de Platão, são postas em discussão duas teorias que procuram determinar, por caminhos diversos, a relação de palavras e coisas: a teoria convencionalista vê a única fonte dos significados das palavras na univocidade do uso lingüístico que se alcança por convenção e exercício. A teoria contrária defende uma coincidência natural de palavras e coisas, designada pelo conceito da correctura (ορθοιησις). É evidente que se trata de duas posições extremas, e que portanto objetivamente não necessitam se excluir. Seja qual for o caso, o indivíduo que fala não conhece a questão pela 'correctura' da palavra, que essa posição pressupõe.²¹

A mencionada pergunta pela significação encontrará na dialogicidade platônica duas vertentes que em tese oferecem direcionamentos distintos. Numa as coisas teriam nomes por natureza, e na outra a significação surgiria da convenção e do uso da linguagem. Platão, portanto, tomará uma postura intermediária, onde não haverá espaço para um extremo nem para outro. Em um primeiro instante este filósofo trata de uma certa afinidade natural entre som e significado, mas logo em seguida considera a palavra como a realidade

²¹ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p. 591.

apresentadora da essência das coisas, ou seja, essas últimas são possuidoras de caracteres objetivos a partir dos quais deve ser regida a ação humana. Porém, deve-se entender que a manifestação lingüística como ação não foi levada adiante no projeto platônico, embora seja assim pensada, precisamente em razão de que na concepção grega de forma geral o processo cognitivo não passa de uma contemplação, isto é, a linguagem aqui seria apenas aquela que transmite esta ordem captada das coisas.²²

Gadamer aqui nos leva à seguinte análise:

Seja qual for o caso, onde Platão supera o nível de discussão do Crátilo, apontando para sua própria dialética, tampouco encontramos outra relação com a linguagem do que a que já se discutiu a esse nível: ferramenta, cópia e produção, e julgamento da mesma a partir do original, a partir das próprias coisas. Portanto, mesmo quando não reconhece ao âmbito das palavras (ὀνοματῶν) nenhuma função cognitiva autônoma, e precisamente quando exige a superação desse âmbito, retém o horizonte de questionamento em que se coloca a questão da 'correctura' dos nomes.²³

No entanto, visto não ser linguagem um aglomerado de palavras sem sentido ou forma, mas uma estrutura que possibilita a formação de expressões, defende-se a tese de que há uma correspondência entre a construção gramatical e a esfera ontológica. Logo, a linguagem refletida na dialética platônica, que prima não propriamente por uma concepção formal da lógica, desemboca numa ontologia.

A dialética do perguntar e do responder defende-se dos raciocínios falsos, dos sofismas, prestando atenção não só às palavras, mas

²² Cf.: OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. pp.18-19.

²³ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p. 594.

*principalmente ao problema ou à realidade em debate. Portanto, o verdadeiro e o falso que Platão considera tem como critério a correspondência dos enunciados e dos nomes com as coisas. Em outras palavras, situados historicamente, podemos dizer que a relação com a linguagem em Platão é ontológica e não apenas lógica.*²⁴

É esta correspondência com o ser que impõe também o limite do convencionalismo pensado por Platão. Isso porque o mestre reflete a afirmação de que a linguagem se efetiva enquanto construção comunicativa quando as pessoas fazem uso de palavras em uma mesma rede de sentido, obedecendo às normas que tem uma certa constância. Todavia, o convencional que recebe legitimidade do ethos, não se pode desligar do conhecimento das essências, sob pena de falhar na exatidão dos nomes produzidos. Depois desse esclarecimento onde se reconhece o que há de verdadeiro no projeto do naturalismo e do convencionalismo, a tematização agora seria no que diz respeito à situação relacional entre linguagem e pensamento. O pressuposto primeiro seria de os nomes tanto poderem ajudar como atrapalhar no conhecimento. É deste ponto que Platão constrói sua reflexão.

*A filosofia grega se inicia precisamente com o conhecimento de que a palavra é somente nome, isto é, que não representa (vertreten) o verdadeiro ser. Esta é a erupção do perguntar filosófico dentro da pressuposição imediatamente indiscutida do nome.*²⁵

Destarte, a tese fundamental de Platão que influenciará o Ocidente, aponta para a assertiva de que a linguagem não é constitutiva de nossa experiência do real, isto é, ela não ultrapassa aquela função designativa. Logo, não tendo condição de oferecer acesso ao real, a linguagem

²⁴ PAVIANI, Jaime. *Escrita e linguagem em Platão*. 1993. p. 21.

²⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p. 590.

seria classificada como um instrumento em nível secundário. Mesmo entendendo a filosofia como diálogo, admitindo aquele jogo de perguntas e respostas, não se deve ignorar que nesta compreensão o ser da linguagem tem esgotabilidade em sua função de designação, não indicando, como alhures afirmamos, uma via de acesso à realidade. Ressaltamos, porém, a importância do sujeito da linguagem como alguém responsável pela identidade ou proximidade entre as essências das coisas e a forma do nome criado.

Estes seriam, pois, os elementos que teríamos a elencar enquanto facilitadores da compreensão do pensamento platônico acerca da linguagem. Isso porque constatamos que esta reflexão, já estabelecida nos clássicos, configura-se como um dos problemas-chave da filosofia da contemporaneidade. Ricoeur atenta para postura quando nos diz em sua obra *'Da interpretação'*:

Parece-me que há um domínio sobre o qual se entrelaçam, hoje em dia todas as pesquisas filosóficas: o da linguagem. É aí que se cruzam as investigações de Wittgenstein, a filosofia lingüística dos ingleses, a fenomenologia de Husserl, as pesquisas de Heidegger, os trabalhos da escola bultmaniana e de todas outras escolas de exegese neotestamentária, os trabalhos da história comparada das religiões e da antropologia versando sobre o mito e a crença, enfim, a psicanálise.²⁶

Nessa perspectiva percebemos a importância da linguagem para a filosofia atual, estando ela fortemente presente na construção filosófica de muitos dos autores contemporâneos. É assim que ela se configura no pensamento de Wittgenstein, para quem os "jogos de linguagem" são apontados como realidades ímpares na expressão da práxis comunicativa interpessoal, bem como da contextualização no espaço em que

²⁶ RICOEUR, Paul. apud: PAVIANI, Jaime. *Escritura e linguagem em Platão*. p.11.

surgem, peça importante para compreender a realidade, na fuga do essencialismo.

*O que se manifestou na investigação dessa atribuição foi uma primeira superação do 'objetivismo', na medida em que por exemplo, o significado das palavras não pode continuar sendo confundido com o conteúdo psíquico real da consciência, p.ex., com as representações associativas que uma palavra desperta. Intenção de significado e cumprimento de significado fazem parte essencialmente da unidade do significado, e , tal qual os significados das palavras que usamos, todo ente que possua validade para mim possui, correlativamente e com necessidade essencial, uma 'generalidade ideal dos modos reais e possíveis das coisas dadas serem experimentadas.'*²⁷

Para Husserl, esta seria, por sua vez, expressão de vivências intencionais, correspondentes a uma postura que pode mediar consciências buscando a manifestação do significado das palavras, isto é, buscando uma relação com os objetos. Husserl desenvolve sua teoria da significação, na qual defende a determinação dos significados da escrita e dos sons a partir do modo pelo qual são captados, isto é, segundo a intencionalidade ou direcionalidade que reservamos aos objetos, que são representados pela linguagem. Assim Husserl apresenta ainda a concepção tradicional de linguagem, a de linguagem como representação, contudo, nos moldes de uma filosofia da consciência.²⁸

A linguagem é pensada assim, tanto em Heidegger quanto em Gadamer, como pressuposto indispensável para o diálogo intersubjetivo, logo, a linguagem para estes

²⁷ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. p. 371.

²⁸ Cf.: OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Reviravolta Lingüístico Pragmática na Filosofia Contemporânea*. p. 44.s.

filósofos estaria no nível da doação do ser, em um processo de desvelamento constante.

Neste sentido, vejamos no próximo tópico que é possível compreendermos como a Hermenêutica, enquanto postura filosófica, encontra-se fundamentalmente mediada pela linguagem, sendo vista não apenas como técnica interpretativa e sim enquanto possibilitadora do diálogo intersubjetivo.

1.3. - Linguagem e Hermenêutica.

Poder falar significa: poder tornar visível, pela sua fala, algo ausente, de tal modo que também um outro possa vê-lo.
Gadamer ²⁹

Consideremos de antemão, como um dos pressupostos iniciais deste tópico, o fato de que a nossa pesquisa, em nível filosófico, objetivará mostrar neste momento a reflexão que se refere à relação existente entre linguagem e hermenêutica. Observamos que o homem sempre está a fazer experiências, seja por meio da arte, seja por meio da história. Aqui, no que diz respeito à linguagem, notaremos que isso não é diferente: a interpretação e compreensão não se limitam somente ao ambiente artístico e histórico, mas abrange também a linguagem, aliás, nesta, a compreensão se efetiva e é viabilizada pelo diálogo³⁰.

Para tanto, um elemento a ser postulado diz respeito a um esclarecimento do qual não podemos abrir mão, no sentido de identificar, de forma geral, a abrangência de uma postura crítica que é inerente à racionalidade filosófica; nesta encontraríamos sempre a predisposição de analisar duas dimensões, a saber: a verdade ou falsidade dos

²⁹ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. p.173.

³⁰ ROHDEN, Luiz. *Hermenêutica filosófica*. p.p.181-185.

enunciados teóricos e os fundamentos do agir humano. A idéia aqui defendida não deixa de ser encontrada na seguinte construção:

Em primeiro lugar a filosofia, no seu núcleo, trata de dois campos fundamentais. De um lado, ela analisa o problema da verdade; de outro lado, a filosofia analisa o problema da fundamentação da ação humana a partir de certas normas morais. Esses são os dois temas fundamentais da filosofia enquanto reflexão racional.”³¹

Contudo, sucedendo esta percepção de dois momentos do edifício filosófico, isto é, a teoria e a prática, enquanto análise das proposições e dos fundamentos da ação, respectivamente, vejamos agora um outro horizonte da distinção. Trata-se, pois, de nos voltarmos para a apresentação dos atributos pertencentes à constituição da racionalidade. Isso porque tal questão se manifesta como relevante para o entendimento das circunstâncias em que tanto a filosofia como as ciências, especificamente as humanas, fariam uso do procedimento hermenêutico. Assim, resta-nos dizer que a diferença básica seria que as ciências constroem um discurso³² tomando como referência um objeto, ou seja, tratando de algo específico, de um espaço do mundo real, não admitindo a alternativa de tomar a si mesmo como objeto.

Em outras palavras, a pretensão científica nada mais seria que falar do dado real dentro do mundo. Constatemos que se a razão científica tomasse a iniciativa de não mais ficar restrita ao que é particular, acabaria perdendo quanto à precisão de análises. Não ignorar a afirmação de que a ciência como tal não dispõe dos elementos

³¹ STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. p.09.

³² “Vamos recordar uma idéia que já nos havia legado Platão: Platão chama as ciências, que consistem nos logoi, nos discursos, de alimento da alma, da mesma forma que a comida e a bebida são os alimentos do corpo.” Cf.: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. p. 56.

que são propriamente filosóficos enquanto aqueles tidos como possibilitadores de uma visão de totalidade.

No entanto, a filosofia, já em seu nascedouro, sempre se propôs a pensar o todo. Constitui-se como um discurso da totalidade. Diferentemente do procedimento científico na filosofia se tematiza a condição de possibilidade de qualquer discurso racional, logo, estabelecer-se-ia como o chão fundamental de todas as ciências. A filosofia, portanto, assumiria a perspectiva de falar não de dentro, mas sobre o mundo.³³ É também relevante ressaltar que procurando identificar e refletir o sentido de uma estrutura que dê conta de toda forma de racionalidade, a filosofia além de aplicar a logicidade, as construções puramente formais, propõe-se ainda a tratar dos conteúdos e da expressão dos mesmos no universo da linguagem.

Todavia, abordar a vinculação entre linguagem e racionalidade hermenêutica, exige a apresentação de como se compreende a linguagem neste espaço.

Falamos aqui de linguagem no sentido de que não tratamos a linguagem como as ciências, apenas dentro do mundo, como faz a lingüística, o literato, como pode fazer o psicanalista, o psicolingüista, como pode fazer o antropólogo. Não vamos tratar da linguagem das linguagens dentro do mundo. Mas vamos falar e esse é o pressuposto que vai se concretizar na análise, vamos falar da linguagem enquanto ela é o mundo sobre o qual falamos. Então é o tratamento filosófico da linguagem que está em questão quando falarmos das questões hermenêuticas ou da hermenêutica filosófica. Trata-se de falar do mundo e de nos darmos conta de que não podemos falar do mundo a não ser falando da linguagem.³⁴

Como percebemos, existe uma enorme diferença entre o procedimento científico e o filosófico. Aquele está limitado à construção das proposições que podem ser remetidas

³³ Cf.: STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. p. 11.

³⁴ STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre hermenêutica*. p. 14.

à comprovação empírica. Este (o filosófico), por sua vez, caminha pela via da inesgotabilidade, de falar da totalidade do mundo mesmo tendo em vista a impossibilidade de abarcá-lo completamente. Até valeria nesse instante pontuar aquela distinção metafísica entre ser e ente, onde poderíamos usar a expressão de que ficaria reservado à filosofia, não simplesmente o tratar do ente, mas também da realidade ontológica que possibilita, ainda que, como dirá Heidegger, este esteja sempre em um processo de velamento e desvelamento.

Isso implica dizer que a racionalidade humana é subentendida como esta capacidade de ter acesso ao mundo por meio de expressões lingüísticas, de palavras, em suma, da linguagem. Isso não implica dizer que a linguagem seja vista como mero instrumento.³⁵ Dentre vários outros autores, citamos Tugendhat como alguém que contribui para a percepção exposta:

*Propriamente aquele elemento ou aquela estrutura da racionalidade que buscamos e que a filosofia sempre buscou, poderia se resumir no seguinte: o ser humano é racional porque é capaz de fazer uso correto de enunciados assertóricos predicativos.*³⁶

Todavia, considerar a linguagem como horizonte que nos possibilita falar da totalidade exige a análise de um problema fundamental, levar em conta que sempre dizemos algo a partir da condição histórica na qual estamos inseridos. A tese central consistirá em mostrar que a racionalidade prescinde de um estado de pureza. Assim, não devemos unicamente ficar presos a uma tradição filosófica logicista

³⁵ "A linguagem é uma constituição ontológica do homem e enquanto tal não é um mero instrumento que a consciência utiliza para se comunicar com o mundo. A própria consciência é impensável sem a linguagem." Cf.: GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método II*. p. 204.

³⁶ TUGENDHAT, Ernst. apud: STEIN, Ernildo. *Aproximações sobre Hermenêutica*. p.16.